

LUDOVIC CARÈME, O RETRATO COMO ESPELHO

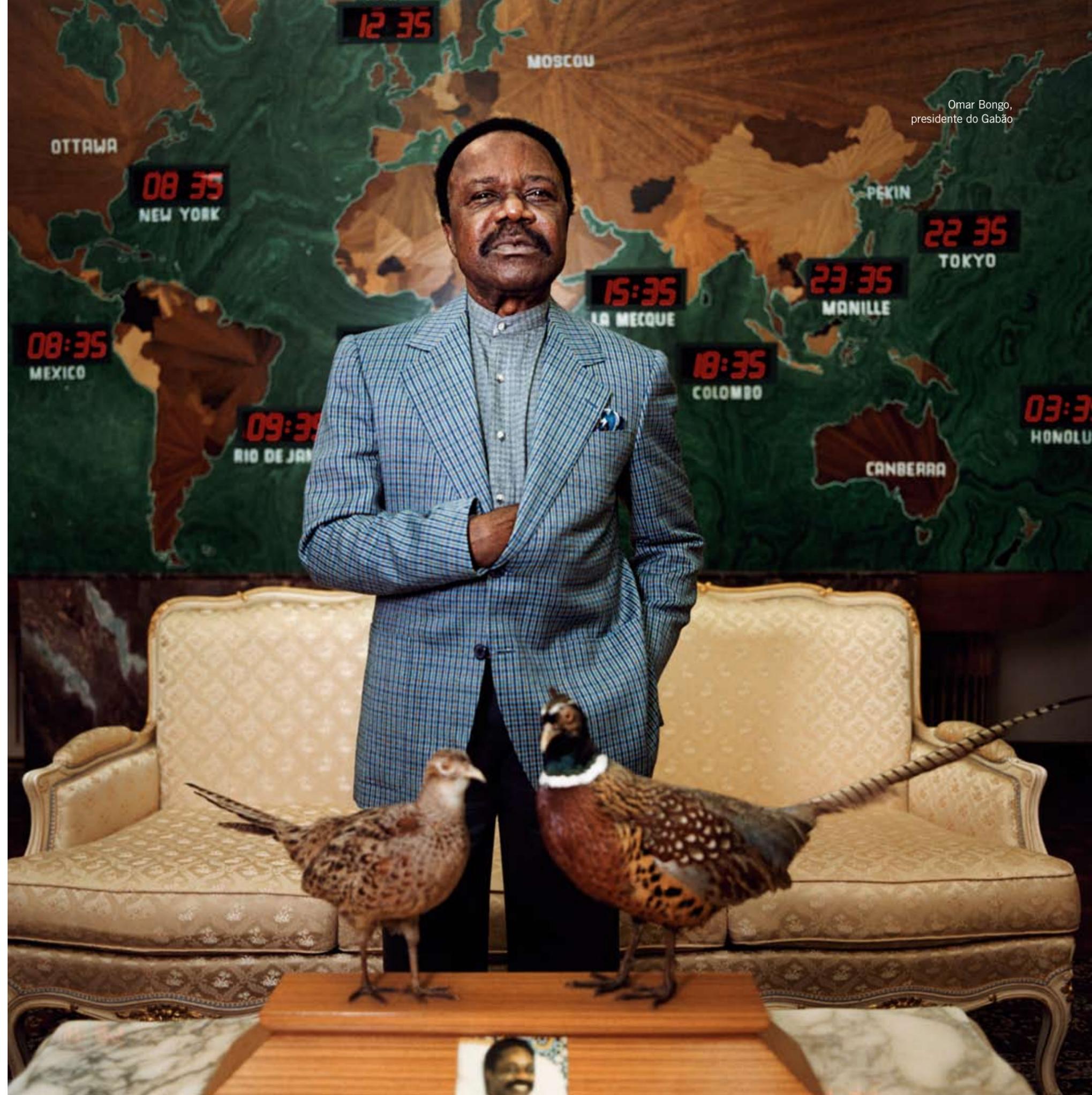
O retratista francês que se apaixonou pelo Brasil quer registrar em seu trabalho este momento vigoroso de um país que se transforma

Por Luísa Pécora

A entrevista já está quase acabando quando Ludovic Carème, fotógrafo francês que vive em São Paulo há cerca de um ano e meio, faz um comentário geral sobre os brasileiros e que também se aplica a esta repórter: “Toda vez que eu conheço alguém do Brasil, me perguntam por que eu vim para cá, como se fosse algo impossível ou ruim de se fazer”.

Na verdade o estranhamento ao ver um fotógrafo de importantes jornais e revistas da França vir ao Brasil dar novo rumo à carreira é menor do que a surpresa ao vê-lo falar sobre o país com tamanho entusiasmo. Nascido em Paris e apaixonado por fotografia desde os 13 anos, quando um amigo o apresentou a uma câmera, Carème diz que morar no Brasil era uma espécie de sonho. Sua primeira visita ocorreu há cerca de 20 anos, quando fez uma viagem de barco pela Amazônia. Depois, em 2006, conheceu São Paulo, a convite de amigos brasileiros que havia feito em Paris, quando esses passeavam pela “cidade luz”. Quando chegou à capital paulista Ludovic descobriu o que chama de uma “maravilhosa energia” e percebeu que aquele era um incrível espaço para as suas imagens.

Na época, Carème, que estudou fotografia em Toulouse, estava insatisfeito com seu trabalho na imprensa francesa. Segundo ele, nos últimos anos a queda das vendas de veículos impressos fez com que as publicações dependessem mais dos anunciantes e que a liberdade de criação diminuísse. Por outro lado, sentia que, na França, as pessoas eram muito preocupadas com o próprio país e pouco interessadas no que acontecia no mundo. Tal perfil nada tinha a ver com ele, que morou em Londres e Madrid, passou temporadas na Ásia e na América Latina, além de viajar por diversos outros países, como as temporadas em que esteve na Nigéria, levando consigo grande curiosidade. “Eu nasci na França, mas às vezes me sentia um estrangeiro”, conta. “Você pode se sentir um estrangeiro em qualquer lugar.”





A biblioteca de Sarajevo bombardeada

O mundo é cheio de informação e o Brasil é um país rápido, mas eu acho a velocidade perigosa. Dou preferência ao encontro com as pessoas

No Brasil, Carême decidiu se dedicar a um projeto pessoal: viajar pelo país fotografando pessoas de cinco diferentes capitais (Campo Grande, Recife, Manaus, São Paulo e Porto Alegre), com o intuito de representar a realidade e a multiplicidade brasileiras, fugindo dos clichês. Assim, desenvolveu o trabalho “Identidades do Brasil”, que tem curadoria de Diógenes Moura e deverá estar

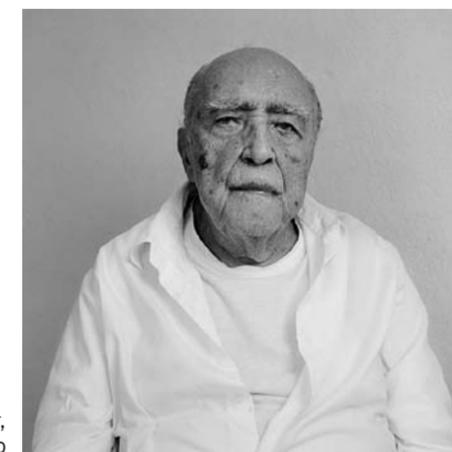
concluído em 2009, como parte das comemorações do ano da França no Brasil. Nas fotos de Carême, saem o samba e a favela e entra outra protagonista: a classe média, camada social à qual pertence a maior parte da população do país.

Ao longo de sua carreira, Carême se tornou um especialista em retratos, mas ele ainda pensa longamente antes de responder por que gosta de fotografar

pessoas: “Acho que o retrato é um tipo de espelho. Eu posso me reconhecer no outro, mesmo que sua origem seja totalmente diferente da minha”, conta. “Meu trabalho me empurra para isso, porque sou um andarilho.” Por aí se explica, também, o modo usado por ele para escolher as pessoas que serão retratadas: “Eu ando”, afirma o francês. “O projeto é um reflexo do que vejo na cidade.”



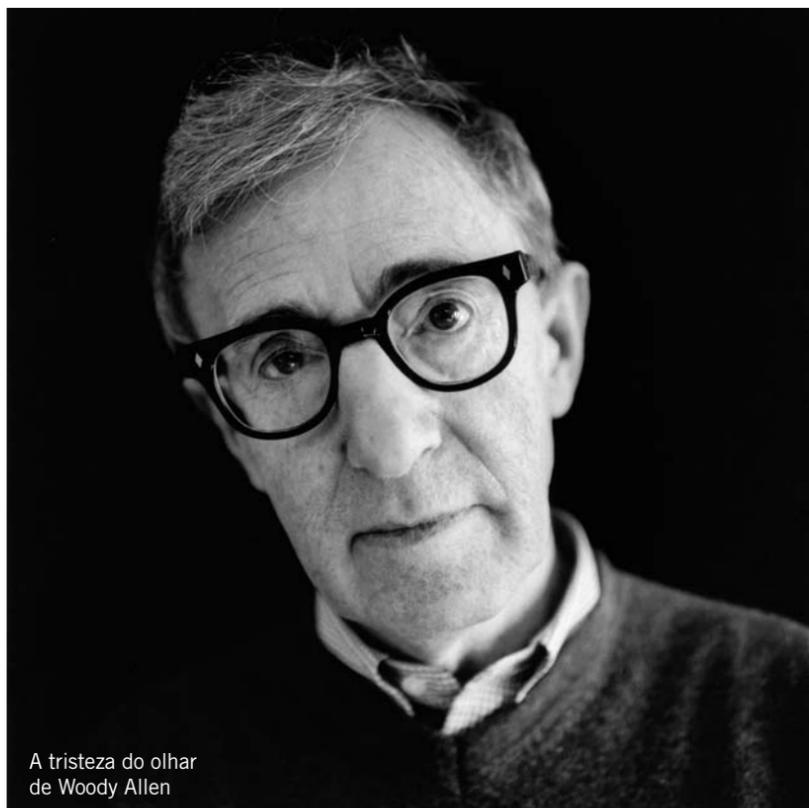
O diretor de cinema Pedro Almodóvar



Retrato de Oscar Niemeyer, em seu centenário



Cossy Orjiakor, ex-dançarina folclórica e atriz do cinema nigeriano



A tristeza do olhar de Woody Allen

“Há muitos problemas no país, mas ele está mudando. Com o meu trabalho, quero participar disso e ser uma testemunha desse Brasil contemporâneo”

É difícil não associar o comentário laciano de Carême (o retrato e o olhar do outro como espelho) às reflexões de Orhan Pamuk em seu livro de imagens-memórias *Istambul*. Em longas digressões sobre outro francês, o arquiteto e pintor Antoine-Ignace Melling (1763-1831), Pamuk aponta como aprendemos a nos ver pelas imagens e retratos produzidos pelo que vem de fora – o que ecoa a tese da pesquisadora Ana Maria de Moraes Belluzzo em sua belíssima coleção *O Brasil dos Viajantes*: aprendemos a descobrir a nossa identidade pelos relatos e retratos deixados pelos exploradores e cientistas que visitaram o Brasil que nascia nos séculos XVIII e XIX.

Antes de realizar um retrato, Carême conta que gosta de conversar com os personagens e ouvir suas histórias. “Quando você é fotógrafo, tem um

momento privilegiado com as pessoas. Você pega algo delas e elas confiam em você, falam sobre sua vida”, conta. “Isso é sempre maravilhoso, especialmente no Brasil, onde as pessoas são muito diferentes e têm histórias incríveis.” Esse estilo de trabalho, segundo ele, combina com seu equipamento. Carême usa uma máquina nova, equipamento profissional fabricado em madeira pela *Tachihara*, formato 4x5 polegadas, mas que lembra um modelo antigo. As fotos obtidas com essa câmera ficam tanto mais bonitas quanto mais ampliadas. O fotógrafo tem pouco interesse pelo formato digital, sobretudo nesse projeto. “Prefiro trabalhar à moda antiga, porque entrar na intimidade das pessoas leva tempo”, explica. “O mundo é cheio de informação e o Brasil é um país rápido, mas eu acho a velocidade

perigosa. Dou preferência ao encontro com as pessoas.”

Em suas andanças, Carême tem a sensação de que o momento atual é muito importante para o Brasil. “Há muitos problemas no país, mas algo está mudando. As pessoas estão saindo da miséria, há uma escalada social e a visão é mais otimista. Se você conversa com alguém da favela, por exemplo, ele já acredita que a vida de seus filhos será melhor do que a sua”, opina o fotógrafo. “Com o meu trabalho, quero participar disso e ser uma testemunha desse Brasil contemporâneo.”

Nenhuma cidade do país o fascina tanto quanto São Paulo. “Eu não poderia morar em nenhum outro lugar, pois todo o mundo converge para cá. É uma cidade de refugiados de todos os lugares. Não há tantas cidades assim no mundo na qual pessoas de tantos lugares diferentes decidem morar juntas”, define.

São Paulo é o tema de outro projeto do qual Carême participa, e que está em fase de aprovação pela Lei Rouanet. Em uma espécie de “ intercâmbio ” de fotógrafos, ele fará imagens da capital paulista enquanto o brasileiro Cristiano Mascaro retratará Marseille, na França. Carême admira o trabalho dos fotógrafos do país e sente que há grande interesse por arte no Brasil, tanto por parte do público quanto de investidores. “Encontrar patrocínio não é fácil em lugar nenhum, mas é preciso continuar procurando”, afirma. “Acredito na energia, na vontade.”

A chegada ao Brasil e a instalação aqui, é claro, não foi fácil. Além da dificuldade de “aprender São Paulo”, ele se viu sozinho em uma cidade desconhecida, sem contatos profissionais e tendo de recomeçar a carreira aos 40 anos. Hoje tem a certeza de que quer continuar no país, mesmo após a conclusão dos projetos que tem em andamento. “Quando digo que quero ficar aqui, nenhum brasileiro acredita. Mas assim como a propaganda brasileira cria clichês sobre o Brasil, a propaganda francesa cria clichês sobre a França. A França não é só a Torre Eiffel, o Louvre e o romance. Na França também existe pobreza e problemas”, explica ele. “O motor que me faz prosseguir em meu trabalho é a sensação de que posso ter origem em qualquer lugar. Isso me atrai muito no Brasil.”

A escritora Taslima Nasreen, nascida em Bangladesh, que teve de fugir de seu país, acusada de blasfêmia por seu romance *Lajja* (Vergonha)

